



**FESTA E FUNERAL: CONTRADIÇÕES E APROXIMAÇÕES EM UMA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO PARANÁ¹**

Renato Alexandre Rangel²
Larissa Michele Lara³

RESUMO

Essa pesquisa é resultante da imersão em comunidades quilombolas no Paraná, iniciada em 2007, com vistas à identificação de políticas públicas de esporte e lazer. O recorte que fazemos é resultante da imersão na comunidade quilombola do Feixo – no município da Lapa-PR, e traz como tema de discussão o lazer no funeral, tema decorrente de observações dos ritos comunitários originários em meio ao falecimento de uma moradora da comunidade. O estudo objetiva compreender como o funeral se coloca como tempo-espaço de lazer em uma comunidade quilombola e como ele se constitui em rito próprio da coletividade. O texto é decorrente da imersão em campo por 20 dias, momento em que se dá o falecimento da moradora mais antiga da comunidade, fato registrado por meio de diário de campo e recurso imagético, com base no estudo do tipo etnográfico (ANDRÉ, 1995). Os dados levantados acerca do tempo-espaço do funeral atentam para sua constituição como próprio da esfera do lazer, em que o ócio, o divertimento, as relações interpessoais e os valores culturais simbólicos são potencializados e dão legitimidade aos ritos festivos de uma coletividade.

Palavras-chave: funeral; lazer; festa; morte.

**PARTY AND FUNERAL: CONTRADICTIONS AND APPROACHES IN
A COMMUNITY QUILOMBOLA OF PARANA**

ABSTRACT

This research is a result of immersion in “quilombolas” communities in Paraná, which began in 2007 with the aim to identifying public politics of sports and leisure. The clipping what we do is a result of immersion in a “quilombola” community Feixo in Lapa-PR, and its theme of discussion at the leisure into the funeral, theme result of observations of the communal rites originating in the midst of death of a resident community. The study aims to understand how the funeral arises as the space-time entertainment in a quilombola community and how it is in its own rite of the community. This study is a result of immersion in the field for 20 days, when it takes the death of the oldest resident of the community, a fact

¹ Esse texto é resultante de investigações desenvolvidas por meio do projeto de pesquisa intitulado Políticas Públicas de Esporte e Lazer em comunidades quilombolas no Paraná, financiado pela Fundação Araucária.

² Mestrando em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL.

³ Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e Coordenadora local do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL. Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade.



recorded by a field diary and use imagery, based on ethnographic study (ANDRÉ, 1995) . The data collected about the space-time of the funeral to violate its constitution as the proper sphere of leisure, that leisure, fun, interpersonal relations and cultural values are enhanced symbolic and give legitimacy to the festive rites of a collectivity.

Keywords: Funeral; Leisure; party; death.

FIESTA Y FUNERAL: CONTRADICCIONES Y APROXIMACIONES EN UNA COMUNIDAD QUILOMBOLA DE LA PROVINCIA DEL PARANA – BRASIL

RESUMEN

Esta investigación es el resultado de la inmersión en comunidades quilombolas (de origen histórica negra) en el Paraná, empezada en 2007, con el fin de identificar las políticas públicas para el deporte y el ocio. El recorte que hacemos es el resultado de la inmersión en la comunidad del Feixo – en la ciudad da Lapa, provincia del Paraná y su tema de discusión es el ocio en el funeral, resultado de observaciones de los ritos comunales originarios de la muerte de una residente de la comunidad. El estudio tiene como objetivo entender cómo el funeral se presenta como tiempo-espacio del ocio en una comunidad quilombola y como el se constituye en rito propio de la comunidad. El texto es resultado de la inmersión en el campo por 20 días, cuando se da la muerte de la residente más antigua de la comunidad, hecho registrado por medio de diario de campo y imágenes, basada en el estudio del tipo etnográfico (ANDRÉ, 1995) . Los datos recogidos sobre el tiempo-espacio del funeral hablan de suya constitución como parte del campo del ocio, en que el tiempo disponible, la diversión, las relaciones interpersonales y los valores culturales son fomentados y pasan a dar legitimidad a los ritos festivos de una colectividad.

Palabras claves: funeral; ocio; fiesta; muerte.

Introdução

A reflexão sobre o funeral no tempo-espço do lazer parece confrontar dois conceitos aparentemente opostos, quais sejam, morte e festa, mas que apresentam aproximações de acordo com o momento, a ocorrência e as condições pertinentes aos sujeitos. De modo geral, a festa aparece como momento de revigoração, de ruptura com o tempo cotidiano e celebração transformadora; a morte representa dor, passagem e espaço de reflexão sobre a vida, algo diferenciado entre as culturas a partir dos sentidos/significados que atribuem a esse fenômeno.

Mesmo que aparentemente opostos, o funeral e a festa apresentam suas confluências, ainda mais quando percebidos na esfera do lazer. No funeral, as pessoas se encontram, comungam a dor da perda, a alegria do conforto, a satisfação de reencontrar um ente, o alimento ofertado pela família do morto, e criam um espaço de refinamento das relações interpessoais. Por essa via, alguns sentem dor e outros procuram dar a solidariedade necessária para amenizá-la. Há os que aproveitam o espaço de reunião para o conagraçamento com os amigos, com os amores, conversando, bebendo, fumando, namorando e brincando.



As relações estabelecidas nos funerais são concretizadas pelo rito simbólico de passagem, próprio da religião, que favorece o encontro e o reencontro entre amigos e parentes, tendo o morto como o vínculo entre a vida e a morte. A ritualística, a simbologia, a tradição e o reconhecimento da importância do funeral vinculam-se à religião e seu papel social, presumindo-se as suas influências na formação histórica, sociológica e antropológica da localidade.

As comunidades quilombolas, no Paraná, são em grande parte influenciadas pela miscigenação européia e pelas religiões católica e protestante. Poucos são os resquícios de matriz africana, encontrados no cultivo e manejo da terra, no uso de ervas em benzimentos e simpatias, e na musicalidade. De modo geral, as comunidades quilombolas têm pouco de cultura negra ou afro-brasileira, tendo sido aculturadas e subsumidas pelos modos “brancos” de vida.

Apesar das particularidades, as comunidades quilombolas paranaenses estão em processo de reconhecimento e valorização de sua cultura, bem como de auto-afirmação, embora atrelado a uma condição instrumental, qual seja, “reconhecer-se” como quilombola para ter benfeitorias governamentais ou federais decorrentes dessa ação.

Na maior parte das comunidades (tomando por base as 27 comunidades investigadas), o difícil acesso à educação, à saúde e ao lazer, além das condições precárias de saneamento, transporte e políticas públicas de qualquer natureza (não apenas de esporte e lazer) é algo que faz parte de seu cotidiano, sendo comuns tratamentos com descaso e desinteresse, por parte dos governantes, no tocante às reivindicações feitas por eles. Se o político não defende o seu povo, mesmo tendo sido eleito por ele, a religião acaba por assumir o papel de defesa dos oprimidos, o que ocorre por meio de arrecadações de alimentos, roupas, celebrações e, em alguns casos, buscando apoio de organizações não governamentais e de algumas secretarias do município ao qual pertencem.

A religião passa a configurar, em muitas comunidades, o esteio que precisam para garantir, ao mínimo, sua existência. Os laços conquistados por meio dela e o conagração dos sofrendores e excluídos do acesso aos bens desejáveis fazem com que ganhem força na luta que travam diariamente. Seus ritos são afinados nesse contexto e se colocam como marcas identificatórias da comunidade. O funeral, por exemplo, coloca-se como um dos ritos que integram a vida comunitária, e que recebe atenção nesse texto.

A imersão em uma comunidade quilombola – comunidade do Feixo – no município da Lapa-PR, configura-se como recorte das discussões que ora se esboçam e traz como tema de discussão o lazer no funeral, decorrente de observações dos ritos comunitários originários em meio ao falecimento de uma moradora da comunidade. O estudo objetiva compreender como o funeral se coloca como tempo-espço de lazer em uma comunidade quilombola e como ele se constitui em rito de revigoração coletivo.

A comunidade do Feixo

A comunidade quilombola do Feixo localiza-se em uma área cortada pela Rodovia da Maçã, que liga o município da Lapa ao de Balsa Nova, cuja extensão é de aproximadamente 8km, o que representa uma média de 2h de caminhada para atravessar a comunidade de uma extremidade a outra, distante 18km do centro da Lapa e a 70km de Curitiba, mas separada do próprio município por um pedágio que dificulta o acesso dos próprios moradores. Seis “bairros” a compõem: o Paiol, os Maria Antônio, o Rincão, os Bora, os Polacos e a Campina. Cada um desses “bairros” são divididos em vilas com o sobrenome das famílias, como a Vila dos Pavão, dos Gomes e dos Batistas, situadas no Rincão. Cada família tem seu pedaço de terra cercado e procura construir as casas de cada filho dentro desse espaço para dar



continuidade a essa organização, a exemplo da família dos Batistas que tem como matriarca Dona Terezinha, a qual agrega nove filhos (dos onze que tem vivos) no mesmo pedaço de terra.

As famílias são numerosas e a comunidade tem aproximadamente 1200 habitantes, talvez a maior comunidade quilombola do Paraná. Os espaços de terra são limitados e os moradores conseguem no máximo uma horta e um pomar próximos à casa para o plantio de subsistência. A condição de trabalho da comunidade está vinculada às oportunidades oferecidas na colheita da maçã, na granja (SEARA), em uma indústria de produtos químicos ou em subempregos. Muitos dos problemas que ela enfrenta estão relacionados à falta de oportunidades de emprego que ofereçam condições de segurança, dignidade salarial e transporte adequados. Entre as práticas de lazer encontradas, temos o futebol, a pesca, a caça, a dança e algumas exclusivas das crianças, como estalar o chicote e soltar pipas.

As atividades de lazer que conseguem reunir maior número de indivíduos dessa comunidade relacionam-se às ações fomentadas pela igreja católica, uma vez que o município incentiva modos do lazer apenas no centro urbano por meio do cinema, teatro, museu, passeios no centro histórico, entre outros, em condições desfavoráveis aos moradores do interior (lembrando que, em 2010, o município da Lapa recebeu o título de capital cultural do Brasil). O Feixo tem na religião católica algo simbólico e fervoroso em seu cotidiano, sendo o rito do funeral e as festas aos santos da igreja católica partes desse contexto, com participação dos moradores de modo geral, independente da religião.

Apesar de ser numerosa a comunidade, a quantidade de igrejas é bem reduzida e a religião mais expressiva é a católica, com algumas capelas espalhadas na comunidade e uma matriz que fica na rodovia da Maça (apesar de ser intitulada de rodovia, é ainda de chão batido e alguns trechos cascalho). A religião protestante tem pequeno número de adeptos e uma igreja denominada Congregação Cristã do Brasil. Não foram encontradas formas de expressão da religião afro, exceto pelos benzimentos e utilização de ervas e algumas rezas que não são mais transmitidas às novas gerações.

Sobre o funeral

Durante nossa inserção na vida da comunidade, partilhamos a notícia de um “guardamento”, modo pelo qual a comunidade reconhece o velório como tempo-espço de solidariedade com a família do morto e de oportunidades diversas de relações sociais. No momento em que fazíamos o reconhecimento da comunidade em contato direto com os moradores do Feixo, tivemos a notícia do falecimento de Dona Ana, moradora com aproximadamente 97 anos, que seria entrevistada durante essa coleta. A notícia era que ela já não estava bem de saúde e que havia ido algumas vezes ao médico.

Dada a notícia, em questões de minutos os moradores se comunicaram via celulares, tendo como ponto de partida as lideranças religiosas. Apesar da chuva, do tempo frio abaixo dos 15 graus e das condições das estradas e ruas da comunidade, cerca de 150 pessoas, entre adultos, jovens e crianças, participaram do rito de funeral.

O ritual⁴ se iniciou com a chegada do corpo onde seria velado, qual seja, na própria casa. Os preparativos para recepcionar os participantes incluíram um lanche (normalmente pão com mortadela), café (feito por diferentes senhoras que se organizaram e se revezaram durante toda a noite, não deixando o fogão a lenha apagar e nem o café acabar), cigarros de palha (Palheiro - feito de modo artesanal, com a palha do milho e fumo de corda, enrolados cuidadosamente e servido a todos que fazem uso do fumo),

⁴ Trazemos o Rito como sendo as atividades organizadas, no qual as pessoas se expressam por meio de gestos, símbolos, linguagem e comportamento, transmitindo um sentido coerente ao ritual que compõe uma cerimônia.



chimarrão (uma prática habitual, em que vários participantes levam sua cuia e sua garrafa térmica; também é oferecido pela família do falecido) e aguardente ou outra bebida alcoólica (também oferecida pela família, mas principalmente levadas por jovens).

A posição do morto na casa respeita a tradição de se manter os pés voltados para a porta, aberta o tempo todo. A noite chegou e as pessoas foram se aproximando. Entraram na casa, tocaram o caixão e fizeram o sinal da cruz (costume católico). Alguns rezaram, prestaram solidariedade à filha mais velha e aos parentes e foram para o terreiro (espaço fora da casa) para se socializar com os demais. É chegada a hora dos cânticos e orações com a participação de pelo menos um ministro da paróquia (atualmente são três e todos moram na comunidade) e, quando possível, do padre. Após as orações e cânticos, o terreiro voltou a ser o local principal do evento, se assim podemos classificá-lo, e as conversas tomaram conta dos jovens e dos adultos. As crianças corriam por todos os lados com brincadeiras de pega-pega e esconde-esconde. As horas foram passando e os sujeitos indo para suas casas com a promessa de se reverem no dia seguinte quando haveria a missa de corpo presente e, depois, o cortejo para o enterro.

A missa de corpo presente reuniu parentes e amigos, deixando uma parte do lado de fora da igreja aguardando o ônibus cedido pela prefeitura para que a comunidade pudesse ir ao enterro no cemitério na Vila de Mariental, distante cerca de 5km da igreja do Feixo. Com menos participantes, mas não menos importante, o ritual prosseguiu até seu final.

Do lazer no funeral?

O funeral constitui-se em espaço de lazer, embora possa se dar de diferentes formas, com mais ou menos intensidade. Talvez, o contexto da causa da “morte” possa ser um atributo a se pensar no tocante à vivência do lazer. Isso pensando no fato da causa da morte ser vinculada à idade ou doença terminal, o que torna os fatos naturais e conduz a relações mais descontraídas. Contudo, e se a morte fosse decorrente de alguma barbárie, geraria o mesmo sentimento de perda e criaria espaços propícios à vivência do lazer?

Essas são questões que nos instigam e nos movimentam a outras investigações. Contudo, no momento, cabe-nos identificar as condições propícias para o lazer decorrentes do guardamento causado por morte natural, como o ocorrido nessa comunidade. No rito funeral nela observado, o lazer está presente, seja pelo simples prazer de participar do ritual, seja pelas possibilidades diversas de socialização, pela curiosidade do fato ocorrido ou das conversas que permeiam o ambiente do velório.

Definirmos o lazer como tempo livre de trabalho e de outras obrigações não dá conta das especificidades ao qual o lazer pertence, como as experiências de cada um e a forma como se dá a relação do lazer com as demais esferas da vida. Para Parker (1978), a sociologia do lazer busca o entendimento dessas relações e a compreensão de que o que é lazer para um pode não ser para o outro e as pesquisas que buscam quantificar o lazer não seriam suficientes para expor a proporção que o lazer alcança na vida de cada sujeito.

[...] Sabemos, portanto, muito mais sobre o esporte ou a recreação ao ar livre do que sobre algumas das formas mais pessoais, informais, e às vezes “transgressoras”, de ocupar o tempo de lazer [...] (PARKER, 1978, p.12).

Observar as crianças correndo, os jovens se divertindo, as conversas entre adultos que buscavam no velório um elo afetivo, de participação descompromissada e diferente, talvez, do que comumente se



configurou como velório, contribuiu para a visualização da comunidade por uma característica singular, expressa na fala de I.B: “Não que a gente deseje guardamento todos os dias, mas a gente não pode ficar sem ir, porque é lá que a gente fica sabendo das novidades; dá até pra paquerar, e a gente se distrai um pouco com todo respeito à família [...]”.

Quando nos deparamos com esse fato conseguimos imediatamente aproximá-lo da esfera do lazer ao trazer para nossas discussões as contribuições de Gomes (2004), em especial, ao trazer quatro elementos que orientam o campo conceitual do lazer e que envolvem: tempo; espaço-lugar; manifestações culturais e atitudes ou ações.

Segundo Parker (1978), em comunidades mais simples, atividades de cerimônias como casamentos, batizados, aniversários e, *por que não, velórios*⁵, mesmo que não integrem um lazer consciente e claramente definido, e embora sejam de caráter obrigatório, funcionam como atividades de lazer.

O lazer inculcido no rito, nesse espaço próprio, tende a ser considerado um lazer não explícito (talvez *underground*⁶), e que comparado ao teor do lazer das festas, não deixaria nada a desejar, uma vez que nas festas, a busca do lazer vai seguir os mesmos critérios que estabelecemos para o funeral, tomando por base as inter-relações propostas por Gomes (2004).

Amaral (1998) afirma que as principais características de todo tipo de festas são: a superação das distâncias entre os indivíduos; a produção de um estado de “efervescência coletiva” e a transgressão das normas coletivas, sendo essas uma força contrária ao da dissolução social e fuga da monotonia do cotidiano do trabalho pela sobrevivência.

O funeral, materializado em dadas circunstâncias para uma comunidade quilombola, aproxima-se do teor das festas pela relação interpessoal dos atores sociais, independentemente de classe. Ocorre como mecanismo de aproximação dos demais e de transgressão do que se estabelece por conduta moral a ser seguida nos preceitos religiosos de um rito de passagem.

[...] nos ritos e crenças funerários, a cultura busca se impor com todas dimensões com que tenta estruturar o mundo: Natureza/ Cultura, Sagrado/ Profano, Puro/ impuro, Próximo/ Distante, Conformidade/ Desvio, Ordem/ desordem...[...] (RODRIGUES, 1986, p. 61).

Para Marcellino, a percepção do lazer está relacionado com o desenvolvimento pessoal e social, nas oportunidades privilegiadas das festas, local onde as pessoas estão inseridas. Nesse ínterim, [...] não é possível se entender o lazer isoladamente, sem relação com outras esferas da vida social [...] (2002, p.14). Daí dizer que o caráter solidário está diretamente relacionado às oportunidades de relacionamento, disponibilizado pela prática religiosa.

Do mesmo modo, nas festas tradicionais da igreja da comunidade ou extensiva a ela, a participação é positiva, tanto na organização e realização quanto como participantes, contribuindo no aspecto solidário das festas, mas fazendo pelo prazer em brincar, jogar e festejar. Sendo assim, o interesse desinteressado, ou seja, o desvincular do trabalho produtivo, a possibilidade de usar uma roupa nova, de manter e experimentar outras relações afetivas, o pertencimento a essa sociedade e tantas outras coisas

⁵ Esta é uma consideração dos autores desse artigo.

⁶ Segundo Pimentel (2010, p.16), *lazer underground* refere-se às vivências ilícitas do tempo livre que, pelos perigos e dificuldades, intimidam o envolvimento científico com esse universo.



permitidas e concebidas em uma festa fazem as aproximações que julgamos pertinentes do velório na esfera do lazer.

A discussão sobre o lazer e a religião, como o lazer é visto pelas religiões ou ainda como a religião se apropria do lazer, não é algo recente, mas que pensamos não estar esgotado uma vez que o surgimento de novas tendências doutrinárias ou perspectivas religiosas a cerca do lazer na vida do indivíduo nos remete a diferentes interpretações e leituras nas teias de relações assumidas por cada indivíduo.

Como exemplo, podemos citar os bingos que, apesar de serem considerados como jogos de azar, são frequentemente usados como arrecadação financeira para as igrejas. Lembramos, também, das quermesses em louvor ao Santo (que permitem a venda de bebidas alcoólicas e promovem como atrativos grupos musicais que se utilizam da exibição do corpo), a prática esportiva, as atividades recreativas e os grupos de jovens que até meados do século passado não eram comuns. As proibições das práticas do lazer em função à devoção a Deus e ao trabalho, limitando as relações do indivíduo ao seu labor e à igreja ainda persistem em algumas seitas⁷.

Essas práticas do lazer promovidas pela igreja com encontros de jovens, incentivando a música, a dança e o teatro como manifestações da fé, aliam o lazer à religião com uma proposta desobrigada no tempo livre, mas não da promoção da fé. As afinidades entre o lazer e a religião foram descritas por Parker (1978) por suas possibilidades de expressar o desejo do bem-estar e de realização pessoal, denotando, ainda, pontos fragmentários nos modos de pensar o humano.

[...] O lazer é a ocasião para o desenvolvimento de perspectivas mais amplas e mais profundas e para renovar o corpo, a mente e o espírito.... O lazer fornece oportunidades para aprender e liberdade para realização e expressão, para o repouso e restauração, para redescobrir a vida em sua plenitude. Tal concepção do lazer o aproxima de uma concepção da vida religiosa, tanto sob seu aspecto ativo quanto contemplativo [...] (1978, p.128).

Sendo assim, o lazer inculcado no funeral mantém essa relação com a religião e a vida do indivíduo em ambos os aspectos, configurando-se como parte desse imbricamento e como necessidade configurada no cotidiano popular.

Morte e festa

As tradições das festas em louvor aos Santos da igreja católica, ou as datas comemoradas pelos adeptos, remetem à temática da morte, mesmo aparentando ser celebrações da vida, a exemplo da sexta-feira santa, de Corpus Christ e do dia de finados. Essas tradições encontram no funeral uma forma de homenagem festiva na relação do morto com os vivos, como descrito por Reis (1991) ao discorrer sobre a morte na Bahia do século XIX, onde os enterros eram uma verdadeira festa, à luz de velas e fogueteiros, embalados por música e pelo dobrar exagerado dos sinos, em cortejos de padres, confrades e centenas de pobres.

⁷ Dissidências de algumas igrejas que tomam para si modificações na doutrina originária, mas que ainda não podem ser denominadas como igrejas, uma vez que para essa denominação são necessários o cumprimento de requisitos, como o alcance de uma segunda geração de adeptos e uma doutrina própria.



Trazendo a questão do funeral ao pertencimento dos vivos que o utilizam para expressar seus valores culturais, fazendo destes a chance de estabelecer o nivelamento social, a igualdade entre brancos e negros, senhores e escravos, ricos e pobres, encontra-se

[...]Viver mal, mas morrer bem, seria o lema. O pobre que consumia economias ou entrava numa irmandade para ser enterrado com dignidade talvez desejasse se igualar aos poderosos pelo menos uma vez na vida [...]. (REIS,1991, p.159)

Na comunidade quilombola do Feixo, as experiências da morte fortalecem não apenas a religiosidade, mas as relações interpessoais pela solidariedade na tentativa de auxílio à reconstrução da unidade familiar, já observada por Lemos (2010) em comunidades rurais.

[...]Embora os traços predominantes da cultura rural não se restrinjam à intensa presença da religiosidade e da centralidade da família, são essas as características mais acionadas nas concepções de morte e nas ressignificações das relações cotidianas a partir da experiência da morte de algum familiar ou membro da comunidade [...].

Não necessariamente a solidariedade provém de uma unidade familiar, mas dos membros dessas unidades que veem nessa forma de lazer fora da família a oportunidade de auto-realização. Dumazedier (1976) observa essa migração do lazer familiar para fora desse núcleo referindo-se aos grupos extra familiares, organizados ou espontâneos, que se reúnem em torno de um passatempo, ou de uma brincadeira de interesse comum, cuja realização acontece fora de casa. Isso fica claro nas festas e nos velórios em que se dá a formação de pequenos grupos de interesses comuns que se aproximam e se apropriam do lazer, revelando o quanto ele se configura como elemento constitutivo da própria vida, mesmo que imperceptível, por vezes, pelos populares que o usufruem.

Considerações finais

Esta pesquisa não tem a pretensão da busca de consensos acerca do lazer no tempo-espaço do funeral, mas perspectiva refinar o debate acerca do velório em uma comunidade quilombola do Paraná na intenção de reconstruir alguns paradigmas pertencentes aos dois campos aqui pesquisados - a festa e o velório. Para tanto, o lazer foi entendido como uma esfera da vida que consegue transitar entre a festa e o velório, desde que se desvincule da ideia do que compete ou não a um e ao outro.

Pensar em lazer não é algo que mereça exatidão conceitual, pois sua ocorrência e seu entendimento dependem em muito do *ethos* de um povo, especialmente em relação à sua moralidade [...]. (PIMENTEL, 2010, p.107)

O entendimento de lazer e religião pressupõe exercitar o livre arbítrio e expressar desejos e intencionalidades. Mas, de certa forma, devemos cuidar para não se generalizar ou mesmo entender que não existe uma tensão nessa relação. Ao analisarmos o livre arbítrio discutido por Parker (1978), logo



entendemos que ele está relacionado com certas limitações da esfera social, das lideranças que o compõe e aos estímulos ofertados em ambas as esferas.

Alguns estudiosos⁸ citados por Parker (1978) em estudos com comunidades influenciadas ou não pela importação de uma ou outra religião demonstram como se dá a diversão, comparando, inclusive, o hábito de frequentar a igreja ao de ir ao cinema, ao teatro ou visitar amigos. É o que tem acontecido no desenvolvimento de formas populares de religião que se utilizam do apelo das sensações e da busca coletiva de identidade, como asseguram outros⁹ estudiosos. Essa prática, segundo eles, não se difere do lazer, talvez pela forma como se mantêm as cerimônias religiosas, entediando as congregações pela burocracia e espírito mercantilista. Isso despertaria nos novos cultos a ideia de se oferecer mais sensações e esperança para a busca de sentido e de sensação de identidade que saciasse e estimulasse os sujeitos à participação efetiva em seu cotidiano.

A constatação empírica da relação lazer e funeral em uma comunidade quilombola traz elementos que fomentam reflexões teóricas em intercâmbio com o campo da ação prática. Tal experiência amplia a percepção de como o funeral se coloca como tempo-espaço de lazer em uma dada comunidade e como ele se constitui em rito próprio da coletividade, acenando para a necessidade de entendimento do humano em sua complexidade. Não há hora restrita para chorar, rir, brincar, rezar, pensar. Há momentos em que essas ações se intensificam ou se esvaem. Contudo, o ser humano, como ser complexo, pode viver quase que momentaneamente sentimentos opostos. Não há como visualizar o funeral apenas pela dor daquele que é atingido diretamente pela perda, mas por todos os que o constituem, em suas distintas formas. Daí que o tempo-espaço do lazer se revela como algo fundante desse espaço constitutivo do humano, vivido de modos diversos por quem dele faz uso e expressando anseios de uma coletividade.

Referências

- AMARAL, R.C.M.P. **Festa à brasileira, significados do festejar, no país que “não é sério”**. 1998. 387p. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- DUMAZEIDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- GOMES, C. L.(Org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004,
- GOMES, E. C. **Morte em família**: ritos funerários em tempo de pluralismo religioso. *Rev. Antropol.*, dez 2006, v.49, n.2, p.731-754.
- LEMONS, C. T., JÚNIOR, J. M. **Morte**: um espaço de ressignificação da vida e das relações sociais no meio rural. *Estudos de Religião*, v. 24, n. 39, p. 164-180, jul./dez. 2010.
- MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 2002.
- PARKER, S. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

⁸ Sylvia Vatak, W. Pickering e J. Tusquets

⁹ Alain Touraine e Orrin Klapp.



PIMENTEL, G. G. A. (Org.) **Teorias do lazer**. Maringá: Eduem, 2010.

PIMENTEL, G. G. A. **Sobre os desvios no lazer**: questões para se pensar a corrupção do lúdico. In: LARA, L. M. (Org.) **Abordagens socioculturais em educação física**. Maringá: Eduem, 2010.

REIS, J. J. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

Endereço para correspondência:
Universidade Estadual de Maringá
Departamento de Educação Física
Av. Colombo, 5790, CEP 87090-200
Maringá, Paraná, Brasil
Recurso para apresentação oral: multimídia